



FOLCLORE

Roteiro

de

Pesquisa



Tião Rocha



Tião Rocha

FOLCLORE
Roteiro de Pesquisa

Tião Rocha

Antropólogo, Folclorista e Educador Popular
Fundador e Presidente do Centro Popular de
Cultura e Desenvolvimento

Diagramação

Lene Marques

Regina Bertola

Revisão

Tião Rocha

Edição /1996

CPCD / CMFL

Nova tiragem / 2019

CPCD

É estimulada a reprodução total ou parcial
desta publicação desde que citada a fonte e
sem fins lucrativos.

Belo Horizonte/MG

Esta publicação resultou de pesquisas de campo desenvolvidas pelo autor em escolas de 1º, 2º e 3º graus de Belo Horizonte/MG, durante os anos de 1975 a 1978.

Por ocasião da XV Semana de Folclore, em 1979, a Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais resolveu publicar este trabalho, distribuindo-o para todas as Delegacias Regionais de Ensino/DREs e Prefeituras Municipais do Estado de Minas Gerais.

Posteriormente outras edições foram feitas pelo SENAC/MG em 1980 e SESI/MG em 1987. Quando da realização do "1 Encontro dos Secretários Municipais de Cultura de Minas Gerais", ocorrido em 1989, a Secretaria de Estado da Cultura / SEC-MG fez nova reedição. A presente edição - revista e atualizada pelo autor - foi realizada pelo Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento/CPCD e pela Comissão Mineira de Folclore/CMFL visando atender aos educadores brasileiros, contribuindo para a busca de caminhos e alternativas metodológicas, duradouras e inovadoras, que possibilitem a criação e consolidação de uma Escola de qualidade, prazerosa, integrada à comunidade e umbilicalmente comprometida com a cultura e o desenvolvimento integral das nossas crianças e adolescentes.

Uma história e muitas vidas

Tião Rocha

“*Eu sou sobrinho de uma rainha*”. Verdade pura, podem acreditar! Aliás, este era um dos meus maiores orgulhos quando criança: ter uma tia rainha, de carne e osso. Tia Gorda, eu a chamava.

Aos 7 anos de idade, entrei pela primeira vez em uma escola (G.E. Sandoval de Azevedo) em Belo Horizonte. No primeiro dia de aula, uma professora muito gentil, levou-nos para a biblioteca para nos apresentar o mundo das letras. Abriu o livro “*As mais belas histórias*” e começou a ler, pausadamente:

- “*Era uma vez um lugar muito distante, onde moravam um rei e uma rainha...*”

Eu, já me encantando com o que ouvia, imediatamente a interrompi e falei:

- *Professora, eu tenho uma tia que é rainha!*

Ao que ela me respondeu, calmamente:

- *Fique quietinho e escute. Isto é uma história de mentirinha, um conto de fadas. Não existem esses reis e rainhas.*

E continuou sua leitura. Eu, mais uma vez, insisti:

- *...mas eu tenho uma tia que é rainha, de verdade!*

Após a minha terceira tentativa de intervenção, a professora me mandou um “*cala a boca*”. Ao final do meu primeiro dia de aula, fui encaminhado à sala da diretora como “menino-problema” e, a partir de então, fui rotulado de “aquele que pensa que tem tia rainha”. Nunca mais, durante todo o curso primário, falei sobre este fato.

Quatro anos mais tarde, já no ginásio, rompi o meu silêncio e tentei falar a mesma coisa. Mas um velho professor de história, que explicava as conquistas ibéricas, retrucou de cara:

- *Cala essa boca, deixa de bobagem e presta atenção na aula. Estou falando de reis e rainhas, pessoas importantes; aqui no Brasil nunca teve isso. Você não pode ser de família real, olha seu nome, olha a sua cor...*

Fui, mais uma vez, motivo de gozação por parte dos colegas. Comecei a pensar que eu talvez tivesse sido enganado por minha família. Não poderia ser descendente de rainha nenhuma. Nunca mais tive coragem de falar sobre isto.

Ao final do segundo grau, fui morar em Ouro Preto e, um dia, lendo *Ao Deus Desconhecido*, de John Steinbeck, sentado nos fundos do cemitério da igreja de São José, comecei a observar e pensar sobre as muitas paredes e muros de pedras que estavam à minha volta.

- *Foram feitos por quem? por que? como? quando?*

Descobri naquele instante que não podia responder a estas e tantas outras questões, simplesmente porque não conhecia a história dessa gente.

- *E essa gente não seria a mesma da qual eu me originara?*

Foi naqueles dias que resolvi cursar História. Durante 4 anos estudei a vida e a trajetória de reis, rainhas e personagens importantes de tudo quanto foi lado. Mas, mais uma vez, só me apresentaram a história oficializada. A minha e dos meus antepassados reais continuou oculta, no limbo.

- Onde poderia eu estudar as minhas origens?

Resolvi partir para o estudo da Antropologia. Quem sabe ali encontraria minhas raízes. Devorei livros e bibliotecas, garimpei cidades e campos. Conheci todo tipo de gente, nos livros, nas ruas e nas roças. Virei um andarilho atrás dos filões de minha cultura. A academia me titulou Antropólogo, especialista em Cultura Popular e Folclore. E, quanto mais aprofundava meus estudos, mais acreditava que, em algum momento, poderia responder às minhas muitas e múltiplas questões e encontrar o caminho das pedras e das minhas heranças familiares e comunitárias.

Hoje, com mais de 70 anos vividos, creio que consegui desvendar grande parte destas incógnitas. A minha caminhada, como era de se esperar, levou-me para os lados da educação. A universidade e a sociedade queriam que eu fosse professor. Fui e, sem modéstia, competente. Mas isso não me bastava. Eu queria ir mais fundo. Queria mais. Virei educador. E a matéria prima do meu trabalho, a cultura.

Para me facilitar esta empreitada juntei um grupo de amigos e fundamos o *Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento*. O CPCD, que hoje dá abrigo institucional para uma série de sonhos e anseios, amigos de estrada e andarilhos que nem eu, parceiros de teimosia e utopias, camaradas de dedicação.

São vários os projetos desenvolvidos pelo CPCD. Todos eles têm nos saberes e fazeres folclóricos (tradicionalistas, coletivos e funcionais) sua matéria prima e ponto de partida para uma educação integral e desenvolvimento sustentado.

Esta é, em síntese, a estrada que andei percorrendo e o caminho que construí até esta data. Pronto! Conte-lhes minha história e muitas vidas a ela agregadas.

Já ia me esquecendo! Minha tia Gorda foi *Rainha Perpétua do Congado*. E todos os anos - de agosto a outubro - ela, devidamente vestida com manto, coroa e cetro reais, era homenageada com danças e embaixadas por ternos de Moçambiques, Congos, Marujos, Vilões, Catopês e Caboclinhos. E saía em alegres cortejos pelas ruas protegida por um pátio, acompanhando as guardas cantando e louvando Nossa Senhora do Rosário, santa branca, padroeira e patrona das irmandades negras e católicas que construíram estas Minas Gerais.

Eu tinha orgulho de tê-la como tia - e como rainha - mas, infelizmente, nunca pude mencioná-la ou estudá-la na escola. Pena, pois mereceria um capítulo especial na construção da história do povo brasileiro.

Quem sabe, algum dia, tenhamos em cada biblioteca de cada escola destas Minas Gerais, uma estante especial, abarrotada de livros, textos e publicações dedicados à vida, aos saberes e aos fazeres das pessoas da comunidade onde esta

escola existe e funciona.

Hoje, tento colocar o que aprendi e descobri a serviço de crianças e adolescentes, para que estes não percam, prematuramente, sua realeza e dinastia, sua auto-estima e sua história. E também estou a serviço dos adultos que já as perderam ou as deixaram em algum canto da vida.

Eis algumas razões que me levaram escrever este livro. Nossa missão é fazer com que estas crianças e estes adultos possam não só se reapropriar de seus saberes e fazeres, mas fazer de sua cultura e identidade, instrumentos de seu desenvolvimento e a matérias-prima de sua cidadania.

Bem, destino ou não, acredito que essa trajetória pessoal foi determinante para me conduzir para o que faço hoje. Tornei-me educador (por opção política, por prazer pessoal, por necessidade existencial) porque acredito que esta é a única maneira de devolver - sob forma de práticas educativas inovadoras e desafiadoras - por todos os privilégios, oportunidades e possibilidades que tive e vivi, ao povo do qual, privilegiadamente, faço parte.

Esta é apenas mais uma história repleta de muitas vidas.

Foto: Danilo Verpa



CULTURA: MATÉRIA PRIMA DO FOLCLORE

“*Todo e qualquer ser humano tem cultura.*” Esta é uma das poucas “verdades absolutas” da Antropologia. Apesar desta afirmação parecer óbvia, não é, pois há muita gente ainda que pensa que alguns seres humanos não têm cultura. Por isso, é importante ressaltar esta ‘obviedade’.

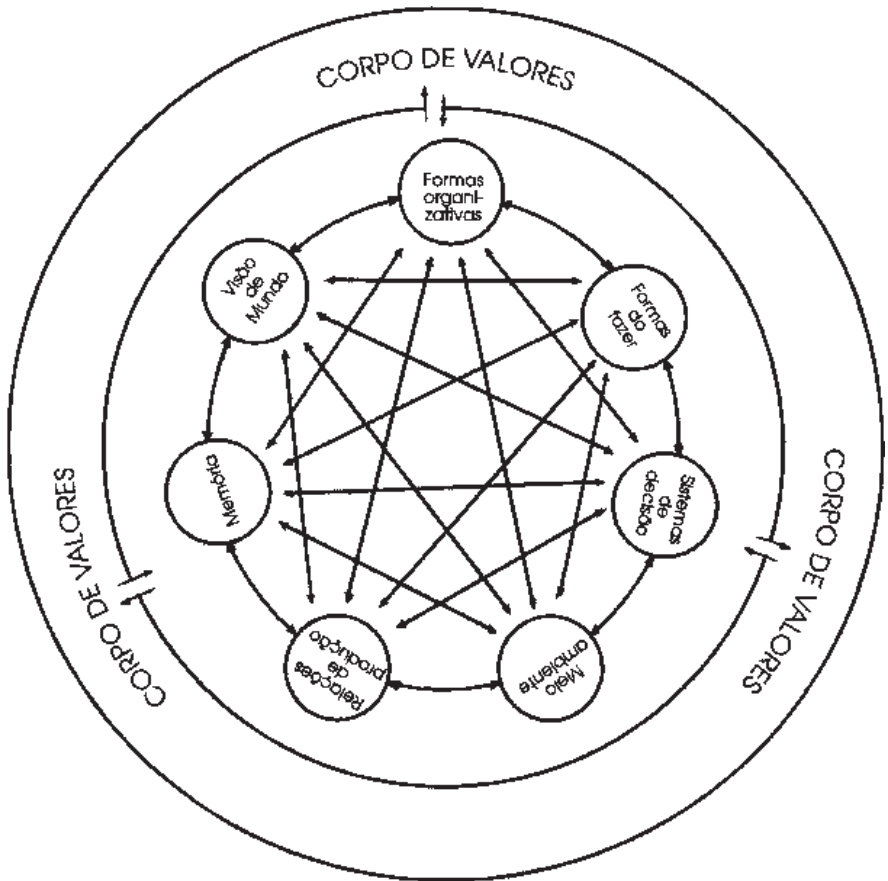
Outra verdade antropológica é que em praticamente toda e qualquer comunidade humana existem e interagem diversos componentes substantivos - *indicadores sociais* - que definem, identificam e constroem a cultura do grupo humano que aí vive:

- 1) as formas organizativas (o social, isto é, a família, os laços de parentesco, o compadrio, os grupos, as turmas, etc.),
- 2) as formas do fazer (o tecnológico, o científico, o artístico, o artesanal, o literário, etc.),
- 3) os sistemas de decisão (o político, a autoridade, a liderança, etc.),
- 4) a visão de mundo (o religioso, o ontológico, o depois, o futuro, etc.),
- 5) o meio ambiente (o contexto, o entorno, o ecológico, etc.),
- 6) a memória (o passado, a origem, o anterior, etc.),
- 7) as relações de produção (o econômico, o trabalho, a sobrevivência, etc.)

Estes componentes são extremamente dinâmicos, interdependentes e formam uma rede de relações que são condicionantes e condicionadas pelo corpo de valores (as ideologias, a arbitrariedade, a solidariedade, a violência, o afeto, o respeito, os modismos, o machismo, o egoísmo, o amor, a ternura, os preconceitos, a alegria, o prazer, etc) da sociedade.

Consideramos cultura exatamente esta rede de relações, processos e interações, que forma um padrão ou um desenho, definidor da identidade da comunidade ou grupo social. (Veja o desenho 1).

DESENHO 1



A partir desse conceito operacional, podemos pensar:

- o processo cultural como a dinâmica do padrão ou desenho e
- o indicador cultural como cada elemento da rede de relações que forma o desenho.

Com esse enfoque, podemos pensar, por exemplo:

- a cultura local como um desenho envolvendo e interagindo todos os indicadores e valores locais;
- a cultura regional como um desenho que deva conter necessariamente todos os desenhos correspondentes às culturas locais e suas interações;
- a cultura nacional, por sua vez, como um desenho que deva conter obrigatoriamente todos os desenhos ou padrões correspondentes as culturas regionais e suas interações.

Conseqüentemente, o planejamento da dinâmica do desenho - seja local, regional ou nacional - que constitui o cerne das propostas e políticas de desenvolvimento, deveria ter como característica e ênfase a heterogeneidade e a diversidade, que de fato constituem a marca de nossa cultura, o caráter de nosso país e sua verdade histórica.

Assim sendo, não podemos admitir, por exemplo, como democratização da cultura brasileira um maior acesso dos diferentes grupos sociais espalhados por este país aos bens de uma dada cultura, porque isto a homogeneizaria e a uniformizaria, desfigurando-a. Por outro lado, perderíamos o caráter de nação brasileira, porque estimularíamos o desenvolvimento social e econômico de um único

desenho, o que não corresponderia ao nosso processo histórico.

Sendo a *educação* o principal gerador de oportunidades para o desenvolvimento social e econômico de um país (cfe. ONU/1990), a política educacional não poderia estar desvinculada dessa premissa básica (*a heterogeneidade*) e, obrigatoriamente, deveria ter na *diversidade* de desenhos culturais da nossa sociedade a alternativa e o ponto de partida para a realização do pleno e integral desenvolvimento da nação brasileira.

Só considerando uma educação plural, cuja matéria prima de ação pedagógica seja a cultura, poderemos democratizá-la e, assim, caracterizá-la no singular como brasileira.

- E o Folclore ? Onde ele entra nessa história ?

Se estamos de acordo com as premissas anteriores, verificaremos que “*toda e qualquer forma de conhecimento*” é uma leitura e interpretação, parcial e relativa, da cultura.

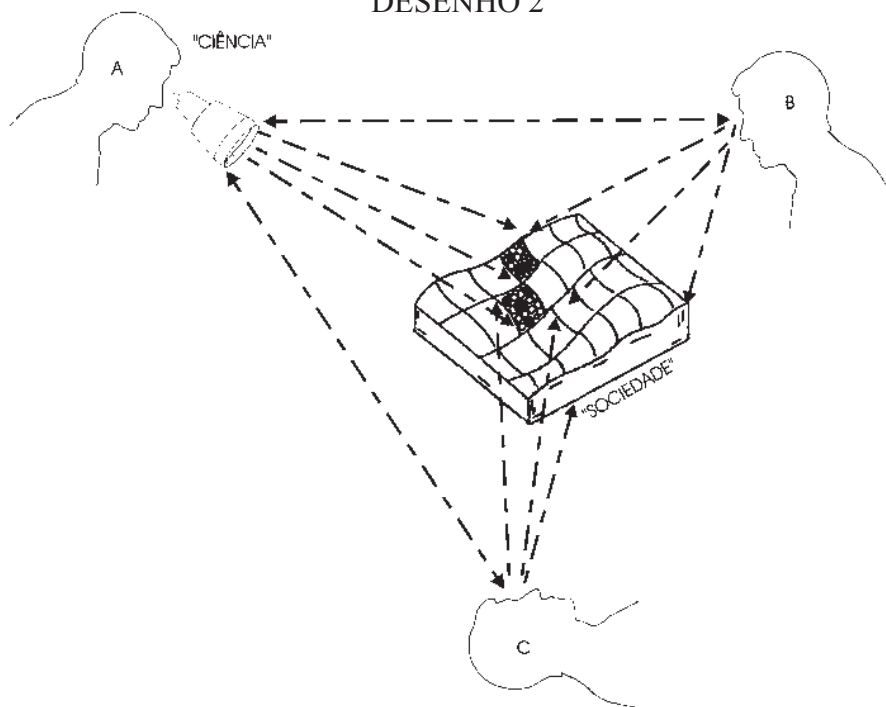
Como qualquer outra ciência, o Folclore é mais uma maneira de ler e interpretar a rede de relações e os desenhos culturais de uma sociedade. Para isso, esta ciência utiliza-se de instrumentos metodológicos de pesquisa: a observação e a análise de tudo aquilo que seja tradicional, funcional e de aceitação coletiva dentro do grupo social estudado.

Seja o conhecimento científico (sistemático e sistematizado, resultante da aplicação de métodos específicos para cada ciência), seja o conhecimento não-formal (empírico, não-sistematizado, resultante da vivência e do senso comum), ambos, um e outro, são e serão sempre relativos e parciais. Nenhum melhor ou superior ao outro. Antagônicos muitas vezes, complementares outras, não opostos necessariamente. Ambos importantes porque permitem e possibilitam uma leitura mais densa e uma compreensão mais profunda do ser e da cultura humanos. E esta é a finalidade do conhecimento, creio eu: *possibilitar uma leitura mais densa, mais profunda, mais rica, mais abrangente e mais humana*

da “travessia” humana.

E o Folclore, como ciência humana e social, irmã da Antropologia, e parte desse conhecimento, é, em síntese, a possibilidade de leitura “dos saberes, dos fazeres e dos querer humanos”, estudados sob a “luneta” da tradicionalidade, da aceitação coletiva e da funcionalidade. (Veja o desenho 2)(*)

DESENHO 2



(*) O VIII Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em dezembro de 1995 em Salvador, Bahia, propôs o seguinte conceito: “Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade.” Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO (Recomendação sobre Salvaguarda do Folclore, por ocasião da 25ª Reunião da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris em 1989). A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora, entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos.

CONCEITUAÇÃO

Folclore é, portanto, a ciência humana e social que estuda os fatos e as relações, os processos e as realizações de um grupo social - materiais, sociais e espirituais, objetivas e subjetivas, orais e escritas - *tradicionais, funcionais e de aceitação coletiva*, integradas à vivência popular e à dinâmica do cotidiano, resultantes da difusão no tempo e no espaço. Estas manifestações, também chamadas de *cultura popular*, coexistem com as formas de cultura erudita (ou acadêmica) e de massa (ou de consumo), conservando suas funções histórico-sociais. O artesanato e a medicina caseira, as crenças e superstições, as gírias e provérbios, as danças e festas populares tradicionais são alguns entre os incontáveis exemplos, objetos da ciência folclórica. Para que o(a) leitor(a) não fique em dúvida: **o Folclore estuda o folclore** (A ciência, com F maiúsculo, estuda o fato, com f minúsculo), razão pela qual muitas vezes a mesma palavra aparece com grafia diferenciada.

Para se chegar ao conhecimento sobre o que é ou não é fato folclórico, devemos analisar alguns aspectos que constituem suas características primordiais:

- se o fato é *tradicional, funcional* e de *aceitação coletiva*: **condições essenciais (e “sine qua non”) para existência do fato folclórico;**
- o grupo social que o recolhe e o vivencia;
- como se manifesta e interage este fato dentro do grupo;
- a atualidade e a funcionalidade do fato na vida das pessoas e da comunidade;
- como se articula o fato na trama ou no desenho cultural da comunidade.

**FATO
FOLCLÓRICO**

O POVO NO FOLCLORE

Existem inúmeras definições de Folclore e, em todas elas, se confere ao povo uma importância fundamental. E, em verdade, ele a possui.

- **Porém, quem é esse povo que faz ou utiliza os bens folclóricos ou é portador de folclore? - Todos nós!**
- **Será o Folclore símbolo dos pobres e dos analfabetos?**
- **Não!**
- **Serão também portadores de folclore os intelectuais ou eruditos? - Sim!**

A palavra “povo” pode dar margem a toda espécie de interpretação. Em relação a ciência folclórica povo é um todo - conjunto de indivíduos integrantes de uma dada cultura, situado em um ambiente geograficamente determinado - sem distinção ou determinação por classes, grupos sociais, políticos ou econômicos.

Partindo desta premissa, todos nós somos, querendo ou não, parte do povo e, portanto, produtores e consumidores de cultura, cujos aspectos *tradicionais, funcionais e de domínio coletivo* denominamos Folclore.

O Folclore não é símbolo de pobreza, nem propriedade particular de uma camada fixa ou predeterminada da população, ainda que seja entre a parcela da população com menores oportunidades de acesso ao conhecimento erudito e às informações veiculadas e/ou adquiridas através das instituições escolares, religiosas e políticas que o encontramos. Este segmento é que cultiva, mais intensamente, a maioria dos fatos e dos bens folclóricos, não porque quer, mas de maneira natural e com a mesma razão pela qual os pássaros cantam.

A TRADIÇÃO NO FOLCLORE

A tradição é o conjunto de fatos e elementos (materiais, sociais e espirituais) que uma época ou uma geração doa ou entrega à que lhe sucede para que esta, por sua vez, o retransmita, com seus fatos ou elementos incorporados, à sua imediata sucessora.

Tradição equivale a atualidade de fatos ou fenômenos no tempo e no espaço, porque ela é o fator de identidade - união, caráter, coerência e coesão - de um povo através dos tempos. **Um fato folclórico é essencialmente um fato tradicional**, isto quer dizer, um fato entregue ou doado de uma geração à outra. O jogo da “amarelinha” ou “maré” ou “maê” é folclórico não porque nossos avós e pais brincaram, mas porque nós e nossos filhos brincamos e brincam. Ele é tradicional porque, vindo do passado, é atual e presente, além de ter uma função social e ser de domínio público.

Ao contrário da História que é a ciência dos fatos humanos do passado, o Folclore estuda os fatos tradicionais no presente.

Não existe povo que seja tão miserável que não tenha tradição, pois é ela que cria, fertiliza, alinhava, reproduz e incorpora os valores e realizações humanas de uma época. Ritos e costumes, técnicas e hábitos de trabalho, cantos e lendas, músicas e superstições, danças e jogos, enfim, todas as áreas da ação humana vivem, se recompõem, se cristalizam, se transformam, se criam, se difundem, se expandem, no tempo, no espaço e através da tradição.

Os povos que não se conhecem a si mesmos, porque não se estudam, não se pesquisam, ou não se descobrem, por ignorância, por desinteresse, por vergonha de suas origens ou por excesso de valorização de valores culturais importados, nunca terão sua identidade e auto-estima formadas, nunca terão definida e conhecida sua personalidade e, portanto, jamais serão coerentes, autênticos e harmônicos.

A CRIAÇÃO NO FOLCLORE

O individual e o coletivo, o anônimo e o popular estão sempre presentes num fato folclórico. Todos sabemos que toda e qualquer obra tem um criador, seja ele um cidadão comum, um poeta, um músico, um artesão, etc. Uma criação (material, social ou espiritual) passando do indivíduo-criador à sua coletividade, tornar-se-á popular se houver identificação (de função e aceitação) entre ambos, autor e comunidade.

As ações humanas são sempre respostas às suas necessidades. Uma ação qualquer, ao fazer sentido e dar respostas para um número cada vez maior de pessoas, vai, gradativamente, passando do uso ocasional e esporádico para o uso constante e sistemático, transformando-se num hábito. A prática dos hábitos gera o costume. A vivência dos costumes cria a tradição. A tradição, como já vimos, é o acervo de soluções e respostas, saberes e fazeres humanos herdados e doados entre as gerações.

O nome do autor (ou autores) da maioria dos fatos folclóricos, em geral, fica oculto, perdendo-se no tempo. “Conta-se o milagre, mas não se conta o nome do santo”. Por isso, dizemos que os fatos folclóricos são anônimos. Descobrir ou identificar o(s) autor(es) de um fato folclórico não o invalida ou diminui o seu valor cultural, ao contrário, permite-nos fazer uma leitura mais profunda e abrangente do fenômeno da difusão cultural.

NECESSIDADE

RESPOSTA

USO

HÁBITO

COSTUME

TRADIÇÃO

O VALOR FUNCIONAL DO FOLCLORE

Não se pode entender o Folclore como um conjunto de fatos gratuitos ou sem função. Tudo que o povo faz, pensa, sente e expressa está intimamente relacionado e integrado ao seu mundo e ao seu dia-a-dia social, material e espiritual. Os provérbios e as danças, os ritos e as anedotas, o artesanato e as superstições, os brinquedos e os remédios caseiros, entre outros tantos fatos, existem, não por existir, por geração espontânea, mas para atender e responder às necessidades (intelectual, de lazer, religiosa, mágica, material, saúde, lúdica, existencial, etc.) de um grupo social local, regional ou nacional.

Ninguém faz uma colher de pau à toa. Todos nós sabemos como fazê-la e para que serve: mexer doce e angu, além de servir para bater (levemente) na cabeça de um gago; a gagueira passa pelo susto do baque seco.

Assim como a colher de pau, todos os fatos folclóricos existem para atender a uma função cultural - social, econômica ou espiritual - de um grupo ou de um povo.

A ATUALIDADE DO FOLCLORE

Vimos que toda e qualquer manifestação folclórica tem uma função a preencher na sociedade atual. Se os romances, os costumes, as crenças, as simpatias, as fórmulas de remédios caseiros, etc. houvessem permanecido estáticos e imutáveis, se nada fossem mais que fatos passados, sem presença e significado no nosso dia-a-dia, sem atualidade, não seriam elementos de interesse folclórico. Poderiam ser, no máximo, exemplos de uma época, importantes para ilustrá-la ou compreendê-la como história, porém não constituiriam jamais um fato folclórico, vivenciado por uma coletividade, tradicional, dinâmico e atual, como deve ser entendido e visto todo e qualquer fato folclórico.

A DINÂMICA DO FOLCLORE

A função de um fato folclórico não pode ser “congelada” no processo de evolução de um povo através dos tempos e, nem tão pouco, pode ser “aprisionada” em determinada área geográfica. Isto seria o mesmo que “coisificar” os fazeres e os saberes folclóricos, transformando-os de elementos culturais vivos em fósseis, vistos e apreciados apenas como “simples e bonita coleção de borboletas”.

A ciência folclórica trabalha com fatos e manifestações universais. A sua grande riqueza é a sua diversidade na unidade, isto quer dizer que, um mesmo fato pode e tem inúmeros acréscimos e variações em sua estrutura e função, frutos do tempo e do espaço onde ele se manifesta. A estória de “Dona Baratinha e Dom Ratão”, por exemplo, é encontrada sob inúmeras variantes em praticamente em todo o mundo. Assim, podemos encontrar, em quase todos os países, os mesmos fatos folclóricos sob formas e variantes “à moda da casa”.

O Folclore, como fruto da atividade humana, está sujeito, portanto, a alterações tanto na forma quanto no conteúdo, resultantes do processo de difusão e da apropriação cultural. Uma dança que antigamente foi de caráter guerreiro ou religioso ou parte de um ritual, pode constituir-se, hoje, em um folguedo lúdico e mera diversão. Se nos for possível, através de pesquisas, observar, estudar e determinar esta transformação, teremos um maior e mais profundo conhecimento de nossa realidade e de nossa formação cultural. Caso contrário, devemos observá-la e entendê-la em sua forma, função e significado atuais e dentro do grupo que a pratica. Esta é uma das muitas funções do folcloristas.

Segundo Varagnac, “todo fato folclórico pode responder, no curso dos séculos, à necessidades diferentes e mentalidades diferentes”, e para esta compreensão é fundamental não só o estudo e a pesquisa sistemáticas, mas também o respeito pelas coisas do povo.

Se algum educador ou pesquisador ousar este mergulho corre o risco de afogar-se literalmente numa ciência que se constrói com o cérebro e a alma, podendo transformar-nos em seres mais humanos e melhores.

PORQUE TRABALHAR COM FOLCLORE NA ESCOLA

O Folclore, visto sem a viseira do preconceito, é um forte elemento de formação de cidadania e de nacionalidade. É, ao mesmo tempo, o que nos confirma a condição de seres humanos universais e nos reafirma e nos diferencia como seres brasileiros, italianos, alemães, mexicanos, etc.

Visto além de eventos, os fatos folclóricos de que somos portadores são matéria prima da melhor qualidade para a nossa formação educacional e comunitária, pois são parte do acervo de conhecimentos e de contribuições que nós herdamos e trazemos para o desenvolvimento de nosso grupo social.

Bem utilizado o Folclore pode tornar-se importante elemento de criação de auto-estima, afirmação da personalidade e consolidação da cidadania. E, de quebra, facilitar o aprendizado da linguagem, do raciocínio lógico, da própria história e de sua comunidade.

Todo educador tem que saber que, todos nós, somos portadores de cultura folclórica e o estudante precisa aprender a identificar o folclore onde ele vive e não ter a sensação de que é necessário ir buscá-lo em algum lugar específico, de preferência longe do universo do educador e educando.

Tentaremos, a seguir, apresentar algumas orientações específicas para um melhor e maior aproveitamento do Folclore nas escolas de 1º e 2º graus, a partir da vivência dos próprios alunos.

O mau hábito que têm os professores de sempre e apenas enviar seus alunos para pesquisar uma dança, um folguedo ou uma festa, longe do contexto dos alunos, embora importante como trabalho escolar, fortalece a idéia de que o aluno-pesquisador não tem nada a ver com o que ele pesquisa. O resultado em geral é terrível. Os alunos copiam enciclopédias medíocres, o professor não lê os trabalhos porque, em geral, já conhece o conteúdo copiado. Pronto. Realizou-se mais uma *semana do folclore* na escola. Quanta energia desperdiçada! Quanto preconceito foi criado e estimulado! Quanta possibilidade de educação integral se perdeu!

Qualquer trabalho de pesquisa escolar sobre Folclore para alcançar os resultados esperados, deve ser antecedido pela pesquisa das manifestações folclóricas dentro de casa e na vizinhança e, só posteriormente, esgotados os temas e abordagens nos níveis familiares e comunitários, os alunos devem partir para a pesquisa fora do seu universo imediato, seja através dos livros, seja através de atividades de campo. Esta medida é importante porque prepara o estudante, que reconhecendo-se portador de folclore, pode melhor, mais profunda e respeitosamente conhecer outros portadores, como iguais e diferentes, mas nunca como estranhos, inferiores ou apenas exóticos.

Evidentemente não é possível querer encontrar todos os temas, combinações de temas e aspectos folclóricos dentro da família e/ou comunidade. O campo de ação do Folclore é tão amplo quanto à capacidade do ser humano criar e propor soluções, alternativas, saberes e fazeres. Por isso, afirmamos que o Folclore é universal, apesar de nós o estudarmos quase sempre “à moda da casa”, isto é: o folclore em casa ou na comunidade, ou o Folclore em Minas Gerais (e não folclore mineiro), ou o Folclore em Goiás (e não o folclore goiano).

Ao propormos este roteiro de pesquisa pretendemos fornecer aos educadores alguns caminhos que se seguidos poderão apresentar resultados extraordinários.

Este roteiro foi, antes de tornar-se um texto de orientação, testado e aplicado, com êxito, pelo autor, em escolas de 1º, 2º e 3º graus de Belo Horizonte/MG. Posteriormente, este roteiro foi usado por vários educadores mineiros e nos mais variados níveis de profundidade, sempre com muito bons resultados. (Esta é uma das razões porque este trabalho já foi editado, reeditado e reproduzido inúmeras vezes por órgãos públicos e particulares de educação e cultura de Minas Gerais).

Não existem fórmulas ou sistemas exatos e rígidos para a pesquisa folclórica. **Observação cuidadosa e registro fidedigno são, entretanto, premissas fundamentais para se obter uma consistente pesquisa.** Por outro lado, confiamos no bom senso dos educadores, que conhecedores e parceiros de seus educandos, saberão dosar estas orientações, adequando-as ao ritmo, às possibilidades e potencialidades de seus alunos.



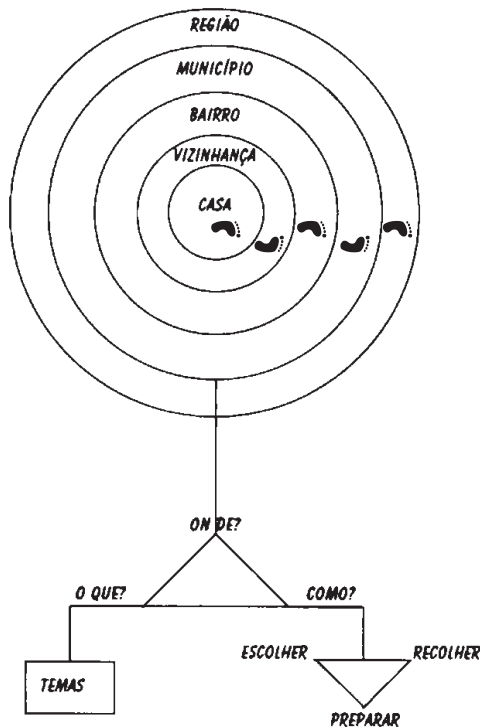
Uma pesquisa folclórica deve ser sempre uma atividade prazerosa, uma possibilidade de crescimento de alunos, pesquisadores, professores, familiares e comunidade; só por isto deveria fazer parte do dia-a-dia da escola.



Devido a esta possibilidade, repugnamos a prática do folclore apenas como evento ocasional, obrigatório e de data marcada (‘mês de agosto’) na vida das escolas.

Esta visão estereotipada, entretanto, somente será alterada quando os educadores se convencerem que: (1) educação é troca de saberes e fazeres entre professores e alunos, algo que só ocorre (e teima existir) no plural, numa relação entre iguais entre professor e aluno; (2) a cultura é o ponto de partida e a matéria prima de uma prática educativa integral e transformadora.

ESQUEMA GERAL (*)



(*) FONTE: MORAES, Wilson Rodrigues de, "Folclore Básico", Cadernos Didáticos de Folclore, nº 01, Ed Esporte e Educação, São Paulo, 1974.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Para elaboração de trabalhos práticos sobre Folclore e sua orientação, indicamos um esquema geral bastante simples, baseado no trabalho do professor Wilson Rodrigues de Moraes ("Folclore Básico" - 1974):

- **O QUE ?** . . .utilizar como tema de pesquisa;
- **ONDE ?** . . . ir buscar esse tema;
- **COMO ?** . . .realizar essa tarefa.

O QUE, é a razão do trabalho, é aquilo que o aluno vai recolher e preparar como sua atividade escolar. A escolha do tema pode ser sugerida pelo professor ou, se o aluno receber boa dose de esclarecimentos e estímulos, ele próprio pode optar por um determinado tema a pesquisar. A motivação para a pesquisa e escolha do tema podem ser encontradas nas próprias relações familiares do aluno, no seu convívio cotidiano, nos fatos comuns da vizinhança e do bairro (urbano) ou da localidade (rural) onde mora.

ONDE, portanto, pode e deve ter como ponto de partida a casa, a família do próprio aluno. Após a pesquisa familiar o tema pode ser obtido nas vizinhanças e no bairro onde mora o aluno. Não tem sentido pedir a um aluno do 1º grau residente no bairro Betânia, em Belo Horizonte, para fazer um trabalho sobre o folclore do Mato Grosso ou do Nordeste, antes de ele primeiro conhecer a si mesmo e a comunidade onde vive. Do mesmo modo, é muito mais coerente um professor trabalhando em Teresina solicitar de seus alunos um trabalho sobre o Folclore no Piauí, existente naquela capital e no bairro onde está situada a escola, do que um estudo sobre as manifestações folclóricas do Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

COMO, é o conjunto de passos e métodos para se efetuar a atividade. Esta parte exige que os alunos sejam orientados e motivados para que desenvolvam a sua capacidade de observar e registrar os fatos

e informações vivenciadas. Quando a pesquisa exige que se converse com pessoas da comunidade, porém estranhas, os alunos devem ser preparados para se aproximar das pessoas, para entrar em determinado ambiente e para participar de algum acontecimento popular. A nossa sugestão é que os alunos façam o oposto do que fazem, em geral, a maioria dos jornalistas de televisões e pesquisadores inescrupulosos, que adotam comportamentos e atitudes desrespeitosos diante dos grupos ou das manifestações folclóricas, não se importando com o que e como os fatos estão ocorrendo, mas apenas à cata de material para o seu trabalho, de preferência em busca do que seja fantástico ou exótico, usando o povo para seus próprios fins, sem entendê-lo em suas manifestações, razões e explicações.

Como a relação pesquisador-informante não é um processo mecânico, mas fundamentado no respeito e no diálogo educativo e isso não se aprende nos livros, mas pelo próprio convívio, aconselhamos que alunos ainda sem maturidade para vôos mais altos, pratiquem suas pesquisas folclóricas, primeiro no âmbito familiar e comunitário e, só posteriormente, se lancem em pesquisas de campo além de suas fronteiras de convivência.

Desejamos novamente observar que as recomendações aqui feitas estão sujeitas, é claro, ao bom senso dos professores para adequá-las aos níveis de maturidade e escolaridade de seus alunos, pois um mesmo tema pode ser estudado com maior ou menor profundidade, dependendo do estágio dos alunos. Assim, também a critério dos professores, os trabalhos escolares poderão ser executados individualmente ou em grupo, se bem que às vezes, o próprio assunto escolhido ou a maneira de buscá-lo, poderá determinar a melhor forma de fazê-lo.

O QUE?

TEMAS SUGERIDOS PARA TRABALHOS ESCOLARES

TEMAS	ASSUNTOS ESPECÍFICOS
1 - Linguagem Popular	- Termos e expressões mais característicos e usuais da comunidade; histórias, gírias, lendas, ditados e provérbios, gestos e mímicas, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
2 - Nomes Populares	- Nomes ou apelidos com que o povo batiza ruas, caminhos, bairros, povoados, acidentes geográficos, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
3 - Apelidos	- Apelidos de pessoas (ou alguma coisa) da comunidade e <i>sua explicação popular</i> .
4 - Nome de Plantas e Animais	- Nomes que o povo dá aos diversos animais e plantas caseiras, medicinais, etc. e <i>sua explicação popular</i> .
5 - Comidas e Bebidas	- Aquelas comuns na comunidade, diárias, festivas e ocasionais e suas respectivas receitas e formas de utilização populares.
6 - Arte e Artesanato	- Trabalhos de artistas e artesãos populares que, utilizando-se de instrumentos rudimentares ou as próprias mãos, produzem formas e objetos utilitários ou figurativos; descrição do processo e dados sobre os artesãos.
7 - Medicina Popular	- Chás, pomadas, garrafadas e outros remédios de confecção caseira, o seu preparo e formas de utilização; ervas medicinais e sua aplicação; rezas, benzeções e simpatias.

8 - Ritos de Passagem	- Comemorações populares de nascimento, batizado, namoro, noivado, casamento e morte; costumes populares de comemoração de datas festivas como Natal, Páscoa, Ano Novo, etc.
9 - Religião	- Cultos e cerimônias religiosas populares <i>fora do campo de ação litúrgica de qualquer igreja ou religião.</i>
10 - Brinquedos e Brincadeiras	- Aqueles <i>não aprendidos</i> nas escolas, parques infantis ou clubes; características, formas e requisitos das brincadeiras e sua explicação pelos próprios participantes; adivinhações.
11 - Caça, Pesca e Agricultura	- Instrumentos e técnicas de trabalho tradicionais na comunidade e <i>sua explicação popular.</i>
12 - Superstições	- Aquilo que as pessoas da comunidade acreditam que façam bem ou mal; registrar <i>a explicação popular.</i>
13 - Tipos Populares	- Vendedores, pregoeiros, músicos ambulantes, etc. da comunidade; suas características, maneiras de viver, trabalhar, etc.
14 - Casos Contados	- Casos (“causos”) de pescadores, caçadores, etc., contados por eles mesmos.
15 - Danças	- Aquelas danças (livres e abertas a todos), tradicionais da comunidade; características, tipos e épocas das danças e <i>sua explicação popular.</i>

16 - Folguedos Populares	- As danças e coreografias adotadas por grupos específicos, organizados e tradicionais na comunidade; formas de organização e dos rituais destes grupos e sua explicação por eles mesmos.
17 - Festas Cíclicas	- Aspectos populares e tradicionais das festas religiosas e profanas que tem caráter cíclico e anual: Natal, Ano Novo, Reis, Carnaval, Quaresma, Semana Santa, Páscoa, Divino Espírito Santo, Mês de Maria, Juninas, Rosário, etc., descrição das manifestações e <i>características populares (não litúrgicas) e tradicionais destas festas.</i>
18 - Festas Religiosas em Geral	- Festas dedicadas aos diversos santos, padroeiros e às datas santificadas da comunidade; descrição das características e aspectos populares.

ONDE ?

LOCAIS DE PESQUISA

Muita gente continua com a idéia incorreta de que Folclore é algo que acontece longe da gente, que é preciso ir buscá-lo em algum lugar distante, de preferência entre a gente pobre, da periferia ou da roça, “entre as pessoas que fazem o folclore”. Esta visão míope e, muitas vezes preconceituosa, tem sido uma das razões porque o estudo do Folclore ocupa pouco (ou nenhum) lugar nas escolas. A conceituação do Folclore como ciência antropológica mostra que todos nós, querendo ou não, somos portadores de folclore.

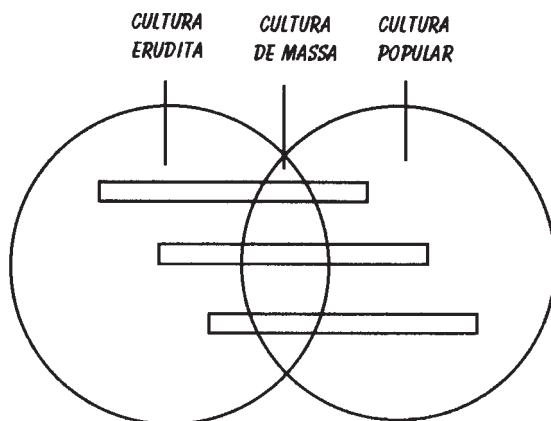
Dentro do conceito de ‘sociedade civilizada’ (da qual fazemos parte), ao contrário da ‘sociedade ágrafa’ (sem escrita) da qual fazem parte os indígenas brasileiros, por exemplo, coexistem e podem ser analisadas, normalmente, 3 formas culturais distintas:

1 - cultura erudita (ou acadêmica) que é a maneira de viver de um indivíduo (ou grupo social) orientada, dirigida ou, até mesmo, imposta por uma instituição (Estado, Escola ou Igreja, por exemplo). Seus valores são dirigidos e, em geral, permanentes.

2 - cultura de massa (ou de consumo) que é a maneira de viver de um indivíduo (ou grupo social) orientada, dirigida ou, até mesmo, imposta pelos modismos e necessidades imediatas criadas e/ou estimuladas pelos meios de comunicação em geral (Rádio, Televisão, Jornais, Revistas, etc.). Seus valores são dirigidos e, em geral, temporários e mutáveis.

3 - cultura popular (ou folclórica) é a maneira de viver de um indivíduo (ou grupo social) não dirigida por qualquer instituição (como Estado, Escola ou Igreja) e, nem tão pouco, de caráter temporário ou modismo (como Rádio, TVs, Jornais, etc), mas aprendida e difundida pela tradição - permanente e dinâmica - fruto da vivência diária, familiar e comunitária, no tempo e no espaço.

Ao contrário das formas 1 e 2, a cultura popular tende a ser permanente e não imposta. **Quando esta cultura incorpora a tradição e, portanto, a atualidade, consolidando a sua funcionalidade e fortalecendo os mecanismos de aceitação popular e domínio coletivo, a denominamos de cultura folclórica (ou Folclore).**

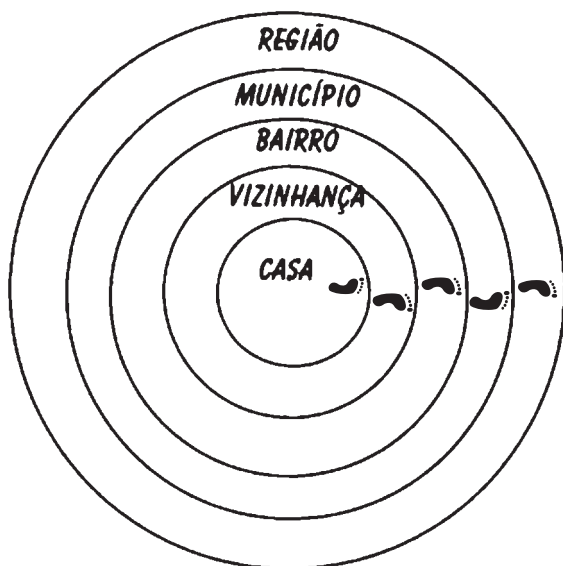


A maioria dos temas sugeridos para pesquisas podem ser encontrados entre os próprios alunos, seus familiares e vizinhos.

-
- Não se usa gíria em casa ou no bairro?
 - Ninguém tem apelido?
 - Alguém está isento de superstição?
 - Ninguém conhece (ou pratica) nenhuma ação para evitar o mal (ou buscar o bem estar) em casa?
 - Quem não conhece, por exemplo, o jogo ou brincadeira de “maré” ou “cinco marias” ou “bola de meia”?
 - Nunca se prepara em casa um chá ou remédio caseiro ou alguma comida tradicional?
 - Como a família comemora o nascimento de uma criança?
 - Nenhum rito, nenhuma simpatia, são feitas?
 - Como se faz nenê dormir?
 - Nenhum acalanto?
-

Poderíamos fazer inúmeras perguntas semelhantes a estas e, com certeza, teríamos respostas afirmativas para quase todas, após uma breve pesquisa em casa e na vizinhança. Por isso, ao sugerir aos educadores o uso do bom senso queremos dizer-lhes que:

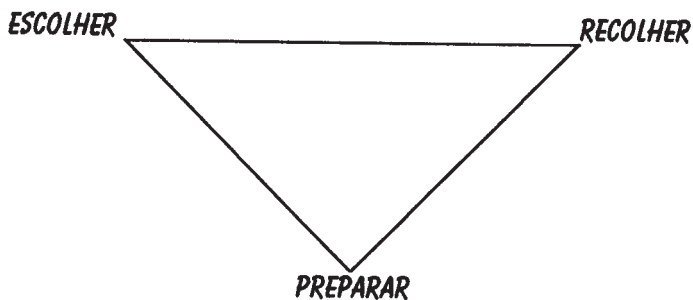
- pesquisar é perguntar, indagar, é buscar respostas (quantitativas e qualitativas) para nossos questionamentos e aprimoramento de nosso conhecimento. Portanto, ao propor uma pesquisa apresente questões (e perguntas) que estimulem os alunos a buscá-las e respondê-las em quantidade e qualidade.




COMO ?

REALIZAÇÃO DO TRABALHO


Propomos como metodologia de trabalho o seguinte esquema em 3 fases:



ESCOLHER  Tema e Local

RECOLHER  Observação e Registro:

- Atenção
- Discrição
- Fidelidade

PREPARAR  Texto/Produto final:

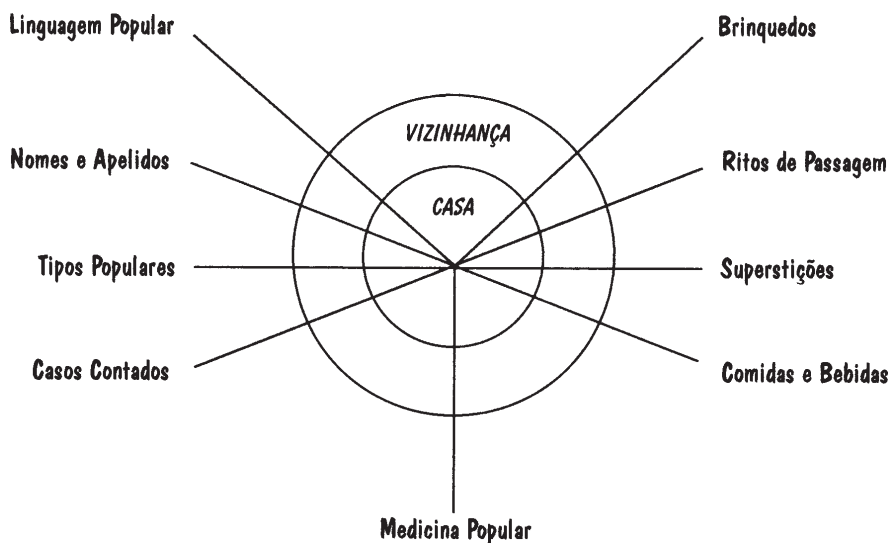
- Local
- Pessoas
- Fatos
- Observações
- Resultados
- Meios utilizados

A / ESCOLHER



O desenho abaixo dá uma excelente dimensão do que pode ser feito em termos de pesquisa sobre folclore na escola. Todos os 9 temas listados são possíveis e passíveis de serem encontrados, com facilidade, nas casas de todos os alunos e nas de seus vizinhos.

De acordo com o grau de escolaridade dos alunos, os temas para pesquisa podem ser apresentados como (1) busca das manifestações folclóricas e dos aspectos significativos no processo cultural da comunidade, ou pode-se explicar que, (2) se busca dentro do temas “tudo aquilo que não se aprende (ou aprendeu) nas escolas, nos livros, através de jornais, revistas, rádios, televisão, nem que foi ensinado pela Igreja ou pelo Estado”.





B / RECOLHER

O próximo passo é a pesquisa propriamente dita, isto é, recolher e reunir todas as informações sobre o tema escolhido. Neste momento o fundamental é: **a observação e o registro.**

Observar implica em se colocar em estado de total atenção, visando apreender todas as informações e fatos expostos pelo informante. Como isso é um processo de aprendizagem, é fundamental recomendar aos alunos:

- muita atenção em tudo o que observar;
- discrição quando estiver observando;
- fidelidade quando estiver registrando.

Lembramos aos educadores que os alunos deverão ser instruídos sobre normas de conduta para conversar com informantes, principalmente se estes forem pessoas estranhas a eles. Este tipo de preocupação se deve ao fato de que um informante vai estar falando de sua vida, sua maneira de pensar, agir e sentir, portanto, é importante que se estabeleça uma relação cordial, amigável e respeitosa entre quem informa (e fala) e quem pesquisa (e escuta).

Indicamos alguns procedimentos úteis para este casos:

- 1 - aproximar-se com discrição e procurar conquistar a simpatia do informante. Expor com clareza os objetivos do trabalho é um bom começo para se estabelecer uma relação de confiança entre o pesquisador e o pesquisado;
- 2 - usar linguagem apropriada, clara e objetiva. A linguagem rebuscada ou muito formal inibe o diálogo;

3 - o informante é quem deve falar e livremente; quanto menos for interrompido, melhor; por isso, as perguntas devem ser feitas com o objetivo de fazer o informante falar; não formule perguntas que já tragam consigo a resposta;

4 - é importante conversar sobre o mesmo assunto, inclusive formular as mesmas perguntas para vários informantes, pois só assim pode-se medir e avaliar a existência do fato folclórico;

5 - nunca interrompa uma manifestação folclórica para fazer perguntas ou outros registros, como fotos e vídeos, por exemplo;

6 - o informante não deve ficar anônimo (a não ser que ele assim o deseje); quanto mais informações sobre ele obter, mais rica, verdadeira e contextualizada será a pesquisa.



Todo o material anotado e recolhido deve ser colocado de forma a facilitar a sua utilização e consulta posteriores. Todos nós sabemos como se fazem anotações, rascunhos, etc. É necessário passá-las a limpo, o mais rápido possível, enquanto as informações estão “quentes e frescas” em nossas cabeças, evitando esquecimentos e perdas. Quando houver gravações, o conteúdo das fitas deve ser transcrito. Este é um trabalho enjoado de se fazer, mas necessário para que o material possa ser utilizado e aproveitado integralmente.

Depois de organizar todo o material de campo obtido, o trabalho será preparado visando os fins a que ele se destina: ser entregue ao professor, ser publicado, etc.

Há várias maneiras de se apresentar um trabalho de pesquisa. Eis algumas sugestões:

- 1 - apresentação do tema: do que se trata e o que tentou-se buscar;
- 2 - os meios usados na pesquisa e os informantes que possibilitaram a obtenção das informações.
- 3 - onde e quando foram feitos os registros: os locais, como as pessoas reagiram e/ou participaram, etc.
- 4 - o fato, o objeto da pesquisa; descrevê-lo mantendo-se fiel ao registro e, em seguida explicá-lo a partir da perspectiva do pesquisador; “o que vi e o que aprendi”.
- 5 - ilustrar o trabalho com todos os elementos obtidos e/ou produzidos, fotos, textos, desenhos, esquemas, mapas, etc.

Este esquema é apenas uma sugestão de roteiro de apresentação dos resultados obtidos no campo. Haverá professores que preferam estruturá-lo de maneira diferente, por exemplo: estão envolvidas no tema pesquisado;

- 1 - descrevendo o local onde foi feita a pesquisa;
- 2 - as pessoas informantes (ou não) que vivem na comunidade e/ou 3 - a apresentação do tema e as observações feitas;
- 4 - os resultados obtidos, as dificuldades e facilidades encontradas, etc;
- 5 - os meios usados para realizar o trabalho e os anexos produzidos.



CONCLUSÃO

É preciso lembrar que o tom dominante de qualquer trabalho deve ser o presente, seja pela ação, seja pela função. Tudo o que o aluno descrever deverá estar acontecendo ou ser usual na época em que o trabalho foi realizado.

As coisas e os fatos passados interessam como elementos de ligação e reconstrução dos caminhos percorridos pelo tema do passado - de onde e como veio - ao presente, como está e como se vive hoje. O fato folclórico não é o ocorrido, mas sempre o que está ocorrendo.

Voltamos a insistir que se dê especial atenção aos trabalhos sobre Folclore a partir de temas que possam envolver os alunos, suas famílias e a comunidade onde vivem e funciona a escola, pois só assim, praticando, poderemos desmitificar o conceito de Folclore como algo estranho e distante do universo da escola (educadores, educandos e comunidade). Mesmo nas ocasiões em que haja interesse específico por um folguedo, uma dança ou uma festa, é importante estudá-la e verificá-la a partir da perspectiva do ambiente familiar e comunitário dos alunos.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Renato - **“Manual de Coleta Folclórica”**; Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro, 1968.

- ALMEIDA, Renato - **“A Inteligência do Folclore”**; Cia. Editora Americana - MEC, 2ª edição, Rio de Janeiro, 1974.

- ALMEIDA, Renato - **“Vivência e Projeção do Folclore”**; Livraria Agir Editora - INL, Rio de Janeiro, 1971

- ARAÚJO, Alceu Maynard - **“Folclore Nacional”**; 3 vol., Edições Melhoramentos, São Paulo, 1967.

- CARNEIRO, Edison - **“Dinâmica do Folclore”**; Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.

- CASCUDO, Luís da Câmara - **“Dicionário do Folclore Brasileiro”**; 2 vol.; Instituto Nacional do Livro/INL-MEC, Brasília, 1972.

- LIMA, Rossini Tavares de - **“Folclore do Dia-a-Dia em Relatório de Estudantes”**; Revista Brasileira de Folclore 27:113 - 17, Rio de Janeiro, 1970.

- MARTINS, Saul - **“Folclore: Teoria e Método”**; Imprensa Oficial de MG, Belo Horizonte, 1986.

- MORAES, Wilson Rodrigues de - **“Folclore Básico”**; Cadernos Didáticos de Folclore Nº1, Editora Esporte e Educação, São Paulo, 1974.

ÍNDICE

Cultura: Matéria prima do folclore	01
Conceituação	06
O povo no folclore	07
A tradição no folclore	08
A criação no folclore	09
O valor funcional do folclore	10
A atualidade do folclore	10
A dinâmica do folclore	11
Porque trabalhar com o folclore na escola	12
Metodologia de pesquisa	16
O QUE? Temas sugeridos para trabalhos escolares	18
ONDE? Locais de pesquisa	20
COMO? Realização do trabalho	24
A/Escolher	25
B/Recolher	26
C/Preparar	27
Conclusão	29
Sugestões Bibliográficas	30

A Comissão Mineira de Folclore/CMFL foi criada no dia 19 de fevereiro de 1948.

Trata-se da 1ª organização não-governamental, sem fins lucrativos, de caráter estadual, implantada no país, destinada ao estudo sistemático, à pesquisa científica, à valorização sócio-econômico-cultural e à preservação, difusão e desenvolvimento do Folclore em Minas Gerais.

Fruto da tenacidade e determinação de 28 intelectuais - professores, pesquisadores e escritores mineiros - liderados pelo mestre Ayres da Mata Machado Filho, dos quais estão presentes entre nós, a escritora Lúcia Machado de Almeida e o professor Saul Alves Martins, nosso presidente de honra, a CMFL vem, há 48 anos, tentando realizar a sua missão institucional.

Atualmente, somos 37 membros efetivos, 20 colaboradores e 04 correspondentes.

Fazer da CMFL uma instituição estruturada com recursos técnicos, materiais e funcionais à disposição da comunidade científica e da sociedade em geral, uma entidade comprometida umbilicalmente com cultura popular: sua apreensão, compreensão e devolução sob variadas formas, todas destinadas às transformações que necessitam ser realizadas neste país, são, em síntese, as razões e os desafios que movem cada um dos seus membros. Por isso, completaremos em breve o nosso meio século de existência.

A Comissão Mineira de Folclore é e deverá continuar sendo, sempre, um guarda-chuva institucional, um espaço cordial, um abrigo fraterno para investigadores (suas descobertas e conflitos), pensadores (suas idéias e respostas), cientistas sociais e humanos dedicados à busca do conhecimento do povo e comprometidos com a devolução de seu saber para o bem estar social. Por isso, fazeres e saberes populares, tradição e contemporaneidade, popular e erudito, preservação e mudança, modernidade e arcaísmo, são, só para citar algumas, as matérias primas fundamentais de nossa ação-reflexão-ação.

A cultura popular, vista e vivida - não como "sobremesa", mas como "arroz-com-feijão" - artigo básico e fundamental para o nosso desenvolvimento integral, fonte de referência do nosso processo histórico e geradora de oportunidades e alternativas para a construção de nosso presente, são as metas de nossa utopia institucional ("utopia" compreendida não como "sonho impossível e quixotesco", mas como "o não-feito ainda, o não-realizado, o não-tópico").

Esta publicação está, portanto, no centro de nossas metas. Destina-se a contribuir para a compreensão e utilização do Folclore e da Cultura Popular como alimento precioso para a formação de nossa identidade e cidadania, e instrumento de trabalho de educadores e educandos, planejadores econômicos e líderes comunitários, agentes culturais, promotores turísticos, órgãos públicos e privados de educação, cultura, saúde, habitação, lazer, etc.

"Ser é ousar ser", dizia André Gide. Acreditamos que, se esta ousadia for compartilhada democrática, solidária e coletivamente, seremos, de fato, um país, digno de sua gente e da riqueza de sua cultura popular.



O CPCD nasceu em 1984.

Nasceu da nossa indignação e de nossa teimosia.

Nasceu da miséria, da dor, do abandono e da esperança.

Acreditávamos que era possível criar um espaço onde as crianças pudessem de fato "ser criança".

Onde o brincar fosse a primeira "sementinha" para o estar junto, o organizar-se e o ser feliz.

Onde a tinta e a madeira, a história e o sonho, a palavra e a terra, o alimento e o jogo, o canto e o trabalho fossem um pretexto para exercitar-se no aprendizado diário de crescer como ser humano, não perfeito mas completo.

Assim, na cozinha, experimentando outros jeitos e sabores ou na horta pesquisando alternativas, a regra básica seria inventar, criar.

Descobrir passadas inusitadas para antigos caminhos.

Construir "fabriquetas" mil de saberes e fazeres.

Sonhávamos um espaço horizontal onde adultos e crianças misturassem suas "visões de mundo" no mesmo aprender e ensinar.

Onde mexer no tacho a receita de sabão não só recuperasse remotas heranças, mas a dignidade que a sabedoria e o poder de criar restaura no homem.

Ensaiai vãos nunca experimentados e mergulhar fundo em nossa cultura seria o permanente desafio.

Asas e raízes, o centro dos nossos desejos.

Hoje essa usina de educação está em permanente ebulição.

Incorporados ao projeto, parceiros fundamentais.

Forjada em nós a mesma teimosia - vocação permanente para o espaço da Utopia.

Onde celebramos os rituais e as festas da memória.

Onde com os pés e as mãos amassamos o barro e o pão, recriando o sonho e a vida.

Onde cantamos e dançamos nossa identidade.

Onde brincamos e ousamos acreditar num tempo claro e generoso para todos meninos.

"Ler a nossa realidade, escrever a nossa história", eis o lema, o "norte", a diretriz que elegemos como "bússola" conceitual de nossa travessia em direção à educação, à cultura e ao desenvolvimento de nossa gente.



**Centro Popular
de Cultura e
Desenvolvimento**



**Centro Popular
de Cultura e
Desenvolvimento**

Endereço para contato e correspondência:
Rua Paraisópolis, 80A - Santa Teresa
CEP 31.010-330 - Belo Horizonte - MG
Tel.(031) 3463-6357 - Fax (031) 3463-0012
c p c d @ c p c d . o r g . b r
w w w . c p c d . o r g . b r

